

## **Eixo N° 8: A formação do analista e a relação com o seu inconsciente**

### **O singular como paradigma**

**Coordenadores:** Rogério de Andrade Barros (EBP) e Teresinha Prado (EBP)

**Integrantes:** Armando Adurens (México), Samyra Assad (Belo Horizonte), Ruth Helena Cohen (Rio de Janeiro), Jordan Gurgel (Salvador), Angelina Harari (São Paulo), Mirmila Musse (São Paulo), Pauleska Nóbrega (Campina Grande), Marco Túlio Pelegrini (Belo Horizonte), Fabiana Pereira (São Paulo), Célia Salles (Salvador), Júlia Solano (Salvador), Márcia Stival (Curitiba), Eduardo Vallejos (São Paulo), Susane Zanotti (Maceió).

[...] nunca falei de formação analítica. Falei de formações do inconsciente. Não existe formação analítica, mas da análise se extrai uma experiência que é absolutamente equivocado qualificar como didática<sup>1</sup>.

### **Formação entre ‘aspas’**

A partir da proposta do eixo 8, como tomar o termo “formação do analista”, tendo em vista as reflexões feitas em diversos momentos por J. Lacan e J.-A. Miller, com destaque especial para a ponderação em epígrafe, e suas decorrências?

Lacan parte ali de uma discussão sobre o passe para abordar a especificidade da experiência analítica. Não por acaso ele se refere à formação, há uma relação intrínseca entre as duas coisas: quando forjou o dispositivo do passe, foi justamente a fim de balançar as hierarquias, esvaziando na Escola o peso do discurso do mestre, o ‘retorno aos velhos costumes’<sup>2</sup>. Por isso ele se pergunta o que se ensina, e questiona sobretudo o termo “didática”, que remete ao discurso do mestre, colocando sempre em jogo o exercício de um poder. Na contramão da IPA, na Escola fundada por Lacan não se trata de evolução, nem de pedagogia, muito menos de idealização da figura do analista, a quem o analisante se identificaria no final. Pelo contrário, sabemos que a experiência de uma

---

<sup>1</sup> Lacan, J., Intervenção na EFP, em 3 de novembro de 1973. *Lettres de l'école freudienne de Paris*, nº15, p. 191.

<sup>2</sup> *Ibid.*, p.192.

análise produz desidentificações. Por isso se trata de uma experiência, disjunta do universal, sobrepondo-se a qualquer teoria<sup>3</sup> e fora da realização de um ideal<sup>4</sup>.

Embora não se trate de uma ‘didática’, algo se ensina e algo se aprende nessa experiência: “aprende-se a aprender”, afirma Lacan, ou seja, não tomar como referência um saber pronto, vindo de fora. Ao mesmo tempo, a ‘única coisa que se aprende como produto dessa experiência, é o que se pode abordar desse saber que já estava lá antes que o soubéssemos; aprende-se apenas “como a coisa se produziu no seu caso”. Ou seja, não há um conhecimento universal, um saber acumulado que permitiria generalizar as soluções encontradas por um sujeito ao final da análise. Por isso Lacan substitui “psicanálise didática” por “psicanálise pura”. Daí a precisão introduzida por J.-A. Miller: “[...] não é analisando os outros que nos tornamos psicanalistas no sentido de Lacan”<sup>5</sup>, pois “só há formação da sua própria análise”<sup>6</sup>.

Em “Variantes do tratamento-padrão”, destacam-se dois pontos fundamentais sobre esta discussão: ‘um analista deve saber ignorar o que ele sabe’<sup>7</sup> e, em relação à formação, o mais importante não é que os praticantes sejam “mais introspectivos”, mas que “compreendam o que fazem”. Para isto, o mais importante “não é que os institutos sejam menos estruturados, mas que não se ensine um saber pré-diferido”<sup>8</sup>. Daí dizer que, ao ler seus escritos, cada um deve colocar algo de seu, apropriar-se do que lê e extrair disto as consequências. Lacan acrescenta a esta reflexão que ‘a dose de saber transmitida não tem em si um valor formativo’, dado que “o saber acumulado em sua experiência concerne ao imaginário”<sup>9</sup>, e é aí que a psicanálise tropeça. É preciso estar atento para não se render às construções fáceis. Um analisante não é o personagem de um romance a ser construído pelo analista, completando lacunas, embora o relato de si, em análise, desenvolva um romance familiar.

Perspectiva semelhante Lacan nos traz ao problematizar a questão do saber, que só se daria a partir do engano do sujeito, por uma elucubração em que é suposto a um sujeito

---

<sup>3</sup> Miller, J.-A., “A ‘formação’ do analista”, *Opção Lacaniana*, n. 37, set., 2003, p. 5.

<sup>4</sup> Miller, J.-A., “Intuições Milanesas II”, *Opção Lacaniana on-line*, n. 6, p. 21. Acesso em: 21 ago. 2023 [http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero\\_6/Intuicoes\\_Milanesas\\_II.pdf](http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_6/Intuicoes_Milanesas_II.pdf).

<sup>5</sup> Miller, J.-A., “Como alguém se torna analista na orla do século XXI”, *Opção lacaniana*, n. 55, novembro de 2009, p. 15.

<sup>6</sup> *Ibid.*, p. 37.

<sup>7</sup> Lacan, J., “Variantes do tratamento padrão”, *Escritos*, Rio de Janeiro, Zahar, 1998, p. 351.

<sup>8</sup> *Ibid.*, p. 358.

<sup>9</sup> *Ibid.*, p. 359.

um saber que o ultrapassa, e também ao analista. Fica evidente, então, o que uma análise não é: “Nenhuma pretensão de conhecimento seria aceitável aqui, visto que nem sequer sabemos se o inconsciente tem um ser próprio, e que foi por não ser possível dizer “é isso” que ele foi chamado pelo nome de isso [...]”<sup>10</sup>. Postular o engano, o equívoco no fundamento da experiência, também permite enfatizar a douta ignorância, a ignorância metódica, colocando o saber na posição de suposição<sup>11</sup>.

Em psicanálise, questiona-se também o termo ‘formação’, cuja etimologia evidencia o caráter de ‘moldagem’: ‘formação’ vem do latim *formatio*, significa “dar forma”. Essa ideia de forma pertence ao imaginário, afirma Miller, ao apontar ‘o termo formação na língua alemã, *Bildung*, cuja raiz, *Bild*, significa imagem’<sup>12</sup>. Uma ‘formação’ na vertente simbólica enfatizaria a identificação: um analista como resultado da experiência analítica. Mas, ao contrário disso, “o analista não resulta do analista, mas da análise”<sup>13</sup> e “o analista deve ir na direção do que não tem fórmula”<sup>14</sup>, é algo que se constrói a cada vez, um por um:

Queremos analistas que sejam [...] analisantes perpétuos a arrancar incessantemente farrapos de saber do sujeito suposto saber que não existe, farrapos tanto mais precisos quanto mais raros e singulares. Pois a via analítica não é a de um grande número, nem a da estatística, mas a do singular e do paradigma, do singular elevado a paradigma. Portanto, se é preciso slogan, substituamos doravante o retorno à clínica pelo retorno ao singular”<sup>15</sup>.

Essa afirmação introduz uma precisão fundamental em nosso campo: em psicanálise não há universal possível, dedução que decorre do axioma: “não há relação sexual”, o qual se deduz da constatação de que “A Mulher não existe”, assim como poderíamos dizer que não existe O Analista. A lógica que rege a psicanálise evidencia a contradição do que se pode chamar de ‘formação’, daí a ideia de um paradigma do singular, bastante afeito à segunda clínica de Lacan.

Refletindo sobre esse sintagma, Miller o transformou em nome composto: “efeito de formação”. O argumento parte de uma dedução lógica: supomos que um sujeito que opera como analista o faz por ter se tornado apto a tal exercício. Portanto, admitimos que é

---

<sup>10</sup> Lacan, J., “O engano do sujeito suposto saber”, *Outros escritos*, Rio de Janeiro, Zahar, 2003, p. 337.

<sup>11</sup> Miller, J.-A., “O desbaste da formação analítica”, *Opção Lacaniana*, n. 52, set., 2008, p. 39.

<sup>12</sup> *Ibid.*, p. 32

<sup>13</sup> *Ibid.*, p. 33.

<sup>14</sup> Miller, J.-A., “Para introduzir o efeito de formação”, *Correio*, n. 37, 2002.

<sup>15</sup> Miller, J.-A., “Como alguém se torna...”, *op. cit.*, p. 21.

possível fazer com que alguém esteja em condições de operar como analista<sup>16</sup>, ou seja: a formação é um efeito, deduzido da constatação inicial. A partir disso, perguntamo-nos sobre as causas. Contudo, não há uma causalidade unívoca: à pergunta sobre ‘como se forma um analista’, só se pode responder de modo descritivo, portanto, no caso a caso. Ao enfatizar o caráter de ‘efeito’ inerente à formação, Miller destaca o fundamento contingencial no ensino de Lacan. O termo composto evoca justamente a hiância entre o efeito e sua (s) causa (s), admitindo que ele conserva algo da surpresa, que não é da mesma ordem que a causa, não é linear e não tem solução de continuidade.

A especificidade das condições que envolvem a produção do ‘efeito de formação’, dado que são requeridas “certas condições subjetivas”<sup>17</sup>, que decorrem de “uma transformação do ser do sujeito”, evidencia que não bastaria a aquisição de conhecimentos teóricos, ou provenientes do mero exercício de uma prática clínica. Daí Lacan privilegiar a análise pessoal como elemento central da formação do analista; esse efeito decorre de uma diferenciação entre os conteúdos epistêmicos e a ‘mutação psíquica’.

### **... a ‘causa’ do efeito de formação tem em seu cerne a análise pessoal**

Colocar a experiência da análise no cerne da formação tem implicações. Uma delas é que nenhum tipo de curso dito de formação seria capaz de preencher as condições requeridas para que alguém possa operar a partir do discurso do analista, pois ‘não há acordo e nem harmonia’ entre o que Miller chama de ‘minhanálise’ e ‘minhaprática’. Pelo contrário, o que existe é tensão entre esses dois campos. Uma evidência dessa disjunção é o passe, que não leva em conta nenhum indício de experiência como praticante.

Para esquematizar a complexidade dessa questão, Miller propõe que tracemos um círculo, e outro no interior dele. Só que aquele que é supostamente interno, na verdade é êxtimo ao que o circunda (é um dentro-fora). Esse círculo êxtimo seria a análise pessoal, cujo termo seria o passe. Para Lacan, a zona êxtima é aquela em relação à qual saberes ensinados por uma via externa à análise pessoal, desfalecem<sup>18</sup>. Então, temos, no cerne, como êxtima, a experiência da análise, que é circundada primeiramente pela supervisão, que funcionaria ali como um litoral, e próximo a ela está o saber clínico. E assim,

---

<sup>16</sup> Miller, J.-A., 2002. “Para introduzir o efeito...”, *op. cit.*, p. 8.

<sup>17</sup> *Ibid.*, p. 12

<sup>18</sup> *Ibidem.*

sucessivamente, outros saberes, adquiridos, vão se alojando internamente a esse círculo maior.

### **Análise finita, formação infinita**

Tornar-se analista, nesse contexto, o que seria? Se o cerne da formação, a zona êxtima no círculo mais amplo é a análise pessoal e “a qualidade de psicanalista nada tem a ver com a profissão de psicanalista”<sup>19</sup>, isso permite diferenciar ‘desejo do analista’ e ‘desejo de ser analista’. A formação está calcada no trabalho analisante, que é movido pelo desejo de saber.

A respeito desse tema, J.-A. Miller retoma a oposição entre ‘devir’ e ‘ser’ destacada por Heidegger, sublinhando um ponto que parece óbvio: “O que devém, ainda não é. O ser não tem nenhuma necessidade de vir a ser. Isso implica que se deve deixar todo devir atrás de si se é verdade que ele veio a ser”<sup>20</sup>. Nessa oposição, considerar o analista no campo do ser, equivaleria a tomá-lo como uma coisa cristalizada, imutável; nada a ver com o que se passa em psicanálise. Donde sua aproximação com o plano da identificação. O ‘devir’, normalmente traduzido em português como ‘tornar-se’, é aquilo que nunca se conclui, está sempre em movimento, e é também isso que caracteriza o desejo. Deste modo, a formação está do lado do devir, do que não cessa.

### **‘Formação’ do analista, não sem a Escola<sup>21</sup>**

A questão da formação sempre foi preciosa para Lacan e está intimamente ligada ao conceito de Escola, fundamentado no fato de que não existe ‘analista nato’. Por isso, propôs o dispositivo do passe, em que o AE deve expor seu próprio caso, para demonstrar que não há apenas um modo de se autorizar; mostrando o surgimento do desejo do analista. Conforme situa E. Laurent, o desejo do analista resulta de uma queda e da recolocação de uma identificação ligada ao discurso analítico no lugar daquela que caiu. Metáfora da passagem do inconsciente transferencial ao discurso do analista, não sem

---

<sup>19</sup> Miller, J.-A., “Como alguém se torna...”, *op. cit.*, p. 16.

<sup>20</sup> *Ibid.*, p. 17.

<sup>21</sup> Parte deste capítulo foi extraído do Editorial da revista *Entre vários* n. 19, de autoria de Angelina Harari.

restos<sup>22</sup>. Quando um AE é nomeado, ‘não significa que ele deixou de ser analisante para dedicar-se a ser apenas analista’, mas por considerar-se que a partir desse ponto ele “está em condições de prosseguir sozinho seu trabalho de analisante”<sup>23</sup>, sem que a relação com o sujeito suposto saber tenha que ter como suporte a figura de um analista, encarnado. Essa condição de mediação é transferida para a Escola, donde o título: Analista **da** Escola. A condição de analisante é definida pela transferência; a Escola se oferece como sujeito suposto saber, como suporte da transferência, que se torna transferência de trabalho.

Quando Lacan diz que “O ensino da psicanálise só pode transmitir-se de um sujeito para outro pelas vias de uma transferência de trabalho”<sup>24</sup>, ele situa essa modalidade particular de transferência como fundamento do ensino e, portanto, ligada à formação. Nesse ponto entra a questão da formação permanente ligada à Escola: essa transferência, de trabalho, é dirigida à Escola, na relação com seus pares, movida pelo desejo de saber, em nome da Causa analítica.

Se o analista, na experiência analítica, não está no lugar do trabalho<sup>25</sup>, a tese da transferência de trabalho que está no fundamento do conceito de Escola diz respeito ao analista que se dedica ao ensino da psicanálise, tarefa em relação à qual se situa em posição de analisante, em posição de trabalhador decidido em prol do desejo de saber. Como vimos acima, a solução para o fim de análise proposta por Lacan não passa pela identificação, mas pela transferência, que não é reduzida a zero pela destituição subjetiva, o que torna a Escola necessária como destinatária dessa transferência que não se extingue, mas não como um ‘analista coletivo’<sup>26</sup> a substituir aquele que caiu, e sim como conjunto de analisantes, de esparsos disparatados a trabalho.

Dentre os princípios do ato analítico, encontramos: "Lacan não hesitou em afirmar que sua Escola foi criada para servir à psicanálise, à sua existência e à formação dos analistas"<sup>27</sup>. Em contrapartida, é o laço libidinal presente na relação de cada sujeito com

---

<sup>22</sup> Laurent, E., “O passe e os restos de identificação”, *Opção Lacaniana on-line*, n. 8, 2012. Acesso em: 21 ago. 2023 <http://www.opcaolacanianana.com.br/nranterior/numero8/texto2.html>

<sup>23</sup> *Ibidem*.

<sup>24</sup> Lacan, J., “Ato de fundação”, *Outros escritos*, Rio de Janeiro, Zahar, 2003, p. 242.

<sup>25</sup> Miller, J.-A., “L’École, le transfert et le travail”, *La cause du désir*, n. 99, 2018/2, pp. 137-152.

<sup>26</sup> Miller, J.-A., “Observações sobre a travessia da fantasia”, *Como terminam as análises: paradoxos do passe*, Rio de Janeiro, Zahar, 2023, p. 177.

<sup>27</sup> Laurent, E., “Princípios do ato analítico”, Texto apresentado na Assembleia Geral da AMP em Roma, 16 jul. 2006.

a Escola que pode implicar numa satisfação sinthomática<sup>28</sup>. De algum modo, isso serviria à causa da Escola, de "formar analistas e fazer sobreviver a psicanálise"<sup>29</sup>.

### **Uma outra *forma* de pensar**

O *em-fôrma* é um neologismo forjado por Lacan no *Seminário 16* para abordar a relação entre o objeto *a* e o Outro (A), em referência ao sujeito. É uma *fôrma*<sup>30</sup> a partir do objeto *a*, fazendo contraposição à *fôrma* do alemão *Bildung*, mencionada acima. “Podemos desde logo enunciar a questão do que significa um sujeito quando, contrariamente ao vestígio natural, à marca, o vestígio já não tem outro suporte senão o *em-fôrma* de A. [...] o vestígio passa para o *em-fôrma* de A de acordo com as diversas maneiras pelas quais o vestígio como marca é apagado”<sup>31</sup>.

Ao comentar esse *Seminário*, Miller nos esclarece que o *em-fôrma* é o objeto *a*, que tem estatuto de furo no Outro, mas é uma consistência que funciona como um dentro-fora, semelhante ao molde do sapato. Os vestígios são os suportes dos objetos *a* no corpo, os *quatro apagões do sujeito*<sup>32</sup>.

Bassols<sup>33</sup> aborda essa questão a partir das definições do que não tem forma, recuperando o que em Freud foi isolado como *Unerkannt*, o não-reconhecido radical, o umbigo do sonho. Em seguida, recupera justamente algo que podemos localizar no *Seminário 16*: as formações do inconsciente se ordenam ‘em torno desse ponto que não tem representação nem forma, que Lacan nos ensinou a situar como o real’, uma estrutura homóloga à do objeto *a*. Também a partir desse ponto real e sem forma destaca a identidade de estrutura entre o analista e o sintoma, ambos como uma formação.

---

<sup>28</sup> Assad, S., “A língua marginal da psicanálise”, *Curinga*, n. 31, dez., 2010, pp. 95-98.

<sup>29</sup> Laurent, E., “Princípios diretores do ato psicanalítico”, *A sociedade do sintoma: a psicanálise, hoje*, Rio de Janeiro, Contra Capa, 2007, pp. 215-220.

<sup>30</sup> A reforma ortográfica da língua portuguesa aboliu o acento diferencial, produzindo uma equívocidade entre forma (no sentido de contorno) e fôrma (no sentido de molde). Adotamos aqui, propositalmente, uma grafia com acento, nos pontos em que não seria interessante o risco do equívoco.

<sup>31</sup> Lacan, J., *O seminário, livro 16: De um Outro ao outro*, Rio de Janeiro, Zahar, 2008, pp. 303-304.

<sup>32</sup> *Ibidem*.

<sup>33</sup> Bassols, M., “Lo que no tiene forma”, *Boletín on-line prévio a la Conversación de la Escuela. 3 Semanas Previas a la IX Conversación de la Escuela Lacaniana de Psicoanálisis*, Madrid, 5 mai. 2007, Acesso em: 21 ago. 2023 <https://elp.org.es/wp-content/uploads/2019/07/CONV01-Boletines-3SP-1-12.pdf>

Esse modo de pensar a formação a partir do singular, como aquilo que não tem forma, não é completo e não se encerra, referencia-se no furo como ponto de real que enlaça a experiência da análise de cada um à produção do analista-analisante: *Em-form(a)-ção*.

Revisão: Karynna Magalhães Barros da Nóbrega (EBP/AMP)

Gustavo Ramos (EBP/AMP)